



Desenvolvimento em Questão

ISSN: 1678-4855

ISSN: 2237-6453

davidbasso@unijui.edu.br

Universidade Regional do Noroeste do Estado do

Rio Grande do Sul

Brasil

O que um filme pode nos ensinar? Estudo Observacional e Análise do Tema Sustentabilidade no filme “Os Sem Floresta”

Bizarria, Fabiana Pinto de Almeida; Tavares, Jessie Coutinho de Souza; Brasil, Marcus Vinicius de Oliveira; Tassigny, Mônica Mota; Silva, Maria Aparecida da

O que um filme pode nos ensinar? Estudo Observacional e Análise do Tema Sustentabilidade no filme “Os Sem Floresta”

Desenvolvimento em Questão, vol. 15, núm. 40, 2017

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=75251857009>

O que um filme pode nos ensinar? Estudo Observacional e Análise do Tema Sustentabilidade no filme “Os Sem Floresta”

What a movie can teach us? Observational Study and Analysis Sustainability theme in the film “Over the Hedge”

Fabiana Pinto de Almeida Bizarria

Doutoranda em Administração pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Mestre em Administração pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Servidora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Brasil
bianapsq@hotmail.com

Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=75251857009>

Jessie Coutinho de Souza Tavares

Mestre em Administração pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Graduada em Direito pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Professora da Universidade de Fortaleza (Unifor), Brasil
jessiecoutinho@unifor.br

Marcus Vinicius de Oliveira Brasil

Doutor em Administração pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Mestre em Administração pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). Graduado em Ciência da Computação pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). Professor da Universidade Federal do Cariri., Brasil
mvobrasil@gmail.com

Mônica Mota Tassigny

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com estágio-sanduíche na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (Paris). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduada em Pedagogia pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Fortaleza (Unifor), Brasil
monica.tass@gmail.com

Maria Aparecida da Silva

Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Graduada em Administração pela Escola Superior de Novos Negócios (Esan). Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Brasil
mapasilva@unilab.edu.br

Recepção: 03 Maio 2016

RESUMO:

As representações fílmicas apresentam em seu bojo simbologias capazes de representar as reflexões dicotômicas que integram a sociedade. Este artigo objetiva analisar o filme de animação “Os Sem Floresta”, no que diz respeito à sustentabilidade, com suporte na interação entre animais, os quais perderam parte do seu habitat florestal em virtude da construção de um condomínio residencial e seres humanos residentes nessa propriedade. Para a análise realizou-se estudo observacional com suporte na linguagem fílmica, numa abordagem qualitativa, fundamentada no conceito de sustentabilidade. Como desdobramento da análise, infere-se que diante da busca pela harmonia indivíduo-ambiente, o desenvolvimento sustentável apresenta-se como um processo de mudança em que a exploração de recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional podem estar em harmonia quando reforça o potencial atual e futuro para atender às necessidades humanas e aspiração. Para o futuro sugere-se que o tema seja discutido de um lugar não comum, uma tarefa não alcançada por este artigo. Acredita-se que a educação ambiental possa processar o desenvolvimento pelo sustentável e não o inverso. Um caminho alternativo pode ser a construção valorativa que subjaz às ações subjetivas sobre as questões socioambientais discutidas.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade, Meio ambiente, Sustentabilidade, Educação ambiental.

ABSTRACT:

The filmic representations present in its core symbology capable of representing the dichotomous thinking that integrate society. This article aims to analyze the animated film “Over the Hedge”, with regard to sustainability, supporting the interaction between animals, which lost part of its forest habitat due to construction of a residential condominium; and humans, residents of this property. For the analysis, there was observational study supported the filmic language, a qualitative approach based on the concept of sustainability. An outcome of the analysis, it appears that on search for individual-environment harmony, sustainable development is presented as a process of change in which the exploitation of resources, the direction of investments, the orientation of technological development and institutional change can be in harmony when it reinforces the current and future potential to meet human needs and aspiration. For the future, it is suggested that the issue be discussed in a non common place, and a task not reached by that article. It is believed that environmental education can process the development of sustainable and not the reverse. An alternative route may be the evaluative construction that underlies the subjective actions on environmental issues discussed.

KEYWORDS: Society, Environment, Sustainability, Environmental Education.

Filmes podem ser definidos como uma caracterização de um acontecimento relevante, situado em determinado tempo e espaço. A análise fílmica consiste no estudo que busca apreender o conhecimento de representações socioambientais que são manifestadas nessa caracterização (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2008). Então, “para que um filme ‘funcione’, o espectador deve entrar em uma relação particular com a história e o sistema de imagem do filme” (BASTOS; FILHO; JUNIOR, 2015, p. 42), produzindo significações com base em percepções que transitam entre o real e irreal, como metáfora comunicativa que possibilita análises dialógicas sobre fenômenos sociais (FREITAS; LEITE, 2015).

Quando o filme analisado enquadra-se na categoria de animação, podendo ser concebido como desenho animado inteligente, é possível inferir que se trata de uma obra composta de representações socioculturais importantes, as quais compõem uma realidade mostrada para o público de forma alternativa, com apelo perceptivo e afetivo e que constitui a visão subjetiva e pessoal do espectador que o leva a elaborações em torno dos temas em contextos reflexivos e propiciadores de aprendizagem (ROSENDAHL; CORRÊA, 2005; FREITAS; LEITE, 2015). Assim, a linguagem fílmica veicula sentidos e construções subjetivas com projeções valorativas e afetivas, sendo, por isso, ferramenta comunicativa não neutra, posto que o faz-de-conta permite projeções espontâneas e a vivência de situações com menor restrição sociocultural às manifestações voluntárias (IPIRANGA, 2005).

No âmbito da vida em sociedade e da configuração homem-natureza, a linguagem fílmica animada pode driblar mecanismos que sobrepõem o conhecimento científico sobre o saber natural, em processo de construção imediata e que subjaz conteúdos influenciadores da ação (LEITE; LEITE, 2010). Isso posto,

a síntese da análise fílmica com o objetivo de produzir conhecimento vai ao encontro de conexões entre abstrações teóricas e dados que representam o real, cuja ilustração habilita formulações aproximadas do contexto vivencial, com possibilidades ampliadas de diálogo e reflexões pelo acesso irrestrito aos cenários (LEITE et al., 2012). A investigação fílmica, portanto, “trata-se de um modo diverso de ver uma coisa, uma expressão linguística particular ou ornamentos de linguagem que operam permitindo insights sobre a compreensão da vida” (FREITAS; LEITE, 2015).

Com título original “Over the Hedge”, a obra cinematográfica “Os Sem Floresta” traz para o espectador a história de 12 animais silvestres que tentam encontrar novas formas de adaptação em seu habitat natural, cuja área foi consideravelmente diminuída em prol da construção de um condomínio habitacional, inserindo reflexões no que respeita à possível coexistência entre capitalismo e sustentabilidade em torno da reorganização da área florestal.

Não obstante, o desenlace da obra também levanta questões sobre a convivência harmônica entre homem e natureza, bem como o uso consciente dos recursos naturais, em diálogo sobre assuntos socioambientais. Nesse escopo, também, as organizações têm experimentado dificuldades em balancear aspectos sociais e econômicos na proteção ambiental e na promoção do desenvolvimento sustentável (BRASIL, 2014).

A despeito da natureza descontraída, inerente ao gênero animação, o filme estimula uma análise crítica acerca dos ensinamentos que circulam a sustentabilidade, o Direito Ambiental e o desenvolvimento do intelecto humano sobre as questões inerentes à educação ambiental, à medida que os roteiros contêm informações e disposições de pensamento que contribuem para as representações sociais, especificamente de seu público direto, crianças (D'arrochella et al., 2009).

As consequências do contato forçado entre humanos e animais que são reveladas no decorrer do filme também incitam discussões sobre a responsabilidade da sociedade e das organizações como protagonistas de políticas públicas ambientais, bem como da participação da educação na promoção de conhecimentos e valores favoráveis à preservação ambiental de forma individual e coletiva.

Considerando um tema de abordagem densa e que suscita intensas reflexões e críticas, objetiva-se que o filme escolhido, na categoria de animação, possa problematizar a sustentabilidade a partir de um olhar diferenciado, no caso, tendo como referência a busca por sobrevivência de animais em contexto de urbanização e impactos ambientais proporcionados pela interferência do homem na floresta que habitavam. Assim, o estudo objetiva apreciar o filme “Os Sem Floresta” no que diz respeito à sustentabilidade.

SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

Problemas ambientais não são exclusividade do debate ambiental contemporâneo – associados à poluição industrial, por exemplo, o caso da poluição por metais pesados ter contribuído para a queda de Roma (MEBRATU, 1998). Também se atribui às questões ambientais as principais transformações da História, tornando-se mais perceptíveis durante os últimos dois séculos, e especialmente durante as últimas cinco décadas, à medida que a economia mundial tem mostrado um crescimento acelerado, transformando o caráter do planeta e especialmente da vida humana (MEBRATU, 1998). Esse crescimento tem acentuado as diferenças entre riqueza e miséria, com suporte na industrialização e na globalização.

O novo modelo capitalista globalizado, o qual teve sua gênese na reorganização do sistema de capital no período pós-Segunda Guerra, representou o berço do discurso desenvolvimentista que, ao identificar regiões desenvolvidas e subdesenvolvidas, transformou as primeiras em modelos a serem seguidos, cujas premissas deveriam ser inseridas e cultivadas nas segundas (FAÉ, 2009).

Banerjee (2003, 2008, 2014) aborda o tema ambiental com a perspectiva de apontar para condicionantes históricos e contextuais baseado no tripé corporações, governo e sociedade civil, por meio de argumentos que evocam a sustentabilidade como força emergente da nova discussão sobre Responsabilidade Social Corporativa (RSC), considerando que as empresas estão sendo obrigadas a enfrentar problemas sociais,

como a pobreza, mudanças climáticas e poluição. Nesse sentido, acredita-se na possibilidade de equacionar “(...) resultados financeiros positivos com iniciativas que contribuam com o desenvolvimento sustentável da sociedade” (CASADO; SILUK, ZAMPIERI, 2012, p. 634).

Diante dessa perspectiva, no entanto, Banerjee (2014, p. 86) ressalta que “a atual estrutura e a finalidade das organizações é projetada para entregar valor para os acionistas, o que limita a capacidade da empresa para buscar objetivos sociais”, o que se apresenta como desafio, que precisaria ser problematizado, especificamente por meio de visões alternativas de economia e de política que impactassem no redirecionamento das empresas para o enfrentamento de problemas sociais e ambientais.

A possível reunião entre capitalismo e preservação ecológica é vislumbrada de forma negativa por autores como Vizeu, Meneghetti e Seifert (2012), os quais afirmam que uma reunião dessa natureza jamais poderia trazer benefícios para o meio ambiente, e sua divulgação mostraria uma impressão enganosa do conceito de desenvolvimento sustentável, visto que a expressão nada mais alcançaria do que um marketing positivo para as corporações que a adotassem, fortalecendo apenas o modelo capitalista.

Na visão ecocêntrica as novas formas do Capitalismo Mundial Integrado (CMI) levam as pessoas ao consumismo, sem se preocuparem se aquela empresa está ou não degradando o ambiente e explorando seus colaboradores. “O objeto do CMI é, hoje, num só bloco: produtivo-econômico-subjetivo” (GUATTARI, 1990, p. 32).

O CMI é o modo mais selvagem desta doutrina. Os movimentos globalizantes oriundos da deformação das relações entre Estados-nações, em prol de uma cultura global, uma política global e uma economia global, superam as rédeas das primeiras inserções do capital no pensamento científico, tornando-se o paradigma dominante. “A instauração ao longo prazo de imensas zonas de miséria, fome e morte parece daqui em diante fazer parte integrante do monstruoso sistema de ‘estimulação’ do Capitalismo Mundial Integrado” (GUATTARI, 1990, p. 11).

Em sintonia com o diálogo questiona-se: Como o desenvolvimento deve ser reconstruído para promover mais democracia, uma sociedade ambientalmente sustentável, socialmente justa e culturalmente pluralista? (MISOCZKY, 2011). Para tanto, argumenta-se em favor do progresso, do desenvolvimento, com apoio na leitura de vida harmônica, em torno da desconstrução de concepções quase “verdadeiras” sobre mundo, pregada pela lógica capitalista em interação com a vida moderna (MISOCZKY, 2010).

O desenvolvimento sustentável é expresso como uma via alternativa para o capitalismo verde, promovendo uma harmonia entre diferentes dimensões da sustentabilidade: social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômica e política (SACHS, 2008).

Esse “novo” desenvolvimento tem como instrumento a valorização da experiência local, plural, em oposição ao conhecimento universal, hegemônico, eurocêntrico e colonialista. Assim, apresenta-se um “processo de aprender a desaprender” por meio de um diálogo crítico com a alteridade silenciada, como no caso dos povos indígenas (MISOCZKY, 2011) e, na presente investigação, na leitura fílmica na apreensão da desterritorialidade dos animais.

As questões ambientais ganharam maior amplitude a partir da década de 1970, repercutindo em preocupações acerca do significado de “uma empresa ambientalmente sustentável” (ELKINGTON, 2012). As organizações que almejem o adjetivo “sustentável” devem levantar questionamentos capazes de discriminar todas as interações que estejam ocorrendo entre a empresa e o meio ambiente (BARBIERI et al, 2010).

Da mesma forma, há discursos associados à expressão desenvolvimento sustentável e que norteiam as políticas ambientais e as Ciências Sociais ambientais. Isto posto, “ainda há confusão em torno do que é ser sustentado, que os diferentes discursos do desenvolvimento sustentável, por vezes, não conseguem abordar” (REDCLIFT, 2006, p. 68).

(...) cada problema científico resolvido por intervenção humana com uso de combustíveis fósseis e materiais manufaturados, é convencionalmente visto como um triunfo da gestão, e uma contribuição para o bem econômico, quando também pode ser visto como uma ameaça futura para a sustentabilidade (REDCLIFT, 2006, p. 66).

O que se entende, no entanto, por desenvolvimento sustentável? Redclift (2006) argumenta que a expressão é geralmente ligada de forma acrítica às práticas e políticas existentes e que a existência de discursos globais sobre o meio ambiente e sustentabilidade é utilizada para ocultar as provas e por ofuscar a compreensão vestindo o conceito de nova linguagem, com base em cidadania, responsabilidade social corporativa, que sustenta um discurso que se alinha à perspectiva de legitimação do poder das grandes empresas (BANERJEE, 2008; REDCLIFT, 2006).

Assim, três premissas são apresentadas por Banerjee (2008) como geradoras de reflexão sobre o discurso que moldura esses conceitos. 1) como empresas devem pensar além de fazer dinheiro e voltar a atenção para o desenvolvimento social e questões ambientais; 2) como empresas devem se comportar de forma ética e demonstrar integridade e transparência em suas operações; 3) como empresas devem se envolver com a comunidade de forma a melhorar o bem-estar social e apoiar a comunidade por meio da filantropia, por exemplo.

Sendo a corporação uma peça fundamental do sistema capitalista, a atuação do governo no aspecto da regulação, autorizações e sanções para proteger grupos marginalizados e da sociedade que favorece a legitimidade e pressiona pelas melhorias da qualidade de vida, principalmente, por meio de grupos ativistas e Organizações Não Governamentais (ONGs) representam forças para a mediação da RSC que, ainda, possibilitem valor para os acionistas. Sair do escopo único do acionista e da proteção do controle público direto são desafios para a RSC (BANERJEE, 2008, 2014). Assim, “se a capacidade das empresas de fazer o bem social é limitado pela forma corporativa, a sua capacidade de fazer o mal social é constrangido por forças externas, mas em muito menor grau” (BANERJEE, 2014, p. 90).

Conforme o Relatório Our Common Future (Nosso Futuro Comum) ou Relatório Brundtland (WCED, 1987), no entanto, a humanidade consome mais de 20% além da capacidade considerada razoável para conter a poluição. Nesse particular, a face mais visível vem do desafio de nossa relação com o meio ambiente, em especial por causa da emergência do aquecimento global, que requer um conjunto de medidas urgentes de naturezas diversas: pessoais, governamentais, educativas, econômicas, sociais, etc.

Diante dessa concepção, “os conflitos são, portanto, tanto um indicador quanto uma consequência dos danos ambientais e das injustiças sociais decorrentes de projetos econômicos” (MISOCZKY, 2010, p. 158). Desses conflitos emerge a posição crítica do desenvolvimento alternativo ou pós-desenvolvimento, sustentada pela percepção dos problemas socioambientais, instituindo uma lógica diferente da razão moderna, “com base na subsistência/afeto/participação/liberdade, em vez de ser/ter/fazer” (MISOCZKY, 2010, p. 177). Assim:

Vivemos durante dezenas de anos com a evidência de que o crescimento econômico, por exemplo, traz ao desenvolvimento social e humano, aumento da qualidade de vida e de que tudo isso constitui o progresso. Mas começamos a perceber que pode haver dissociação entre quantidade de bens, de produtos, por exemplo, e qualidade de vida; vemos, igualmente, que, a partir de certo limiar, o crescimento pode produzir mais prejuízos do que bem-estar e que os subprodutos tendem a tornar-se os produtos principais (MORIN, 1990, p. 76).

A leitura crítica avança quando se atribui à RSC o adjetivo de estratégia para sustentar vantagens competitivas e, racionalmente, analisada em favor do desempenho da empresa e na garantia de lucro. Nesse ponto os discursos apontam para duas facetas: o aspecto da busca de legitimidade pela atenção ao social, e demanda para que as questões ambientais sejam transparentes, favorecendo o bem-estar social, e o aspecto da relação entre a presença desses atributos com a aceitabilidade social, desempenho financeiro e atendimento das normativas para o seu funcionamento (BANERJEE, 2008). Dessa forma, observa-se que “inscrever-se a um código de direitos humanos pode facilmente tornar-se um substituto para acabar com as violações dos

direitos humanos sem questionar as dinâmicas de poder que criam o espaço para violações” (BANERJEE, 2008, p.87).

Ainda neste sentido, é possível inferir que a educação ambiental apresenta-se como uma alternativa de transformação social quando idealizada no contexto de proposta estrutural na educação nacional, pois “a concepção da relação homem independente da natureza, a ponto de não ser consciente que a destruição da natureza é também a morte do homem, é fortalecida na ideia da necessidade de uma educação ambiental” (ARAGÃO, 2012, p. 1).

As implicações relacionadas ao meio ambiente e à conservação dos recursos naturais demandam necessariamente uma “qualificação comunitária, que garanta a compreensão sobre a complexidade social” (ARAGÃO, 2012, p. 1) que traz consigo um conjunto de subsistemas os quais, tradicionalmente, funcionam em prol da manutenção do estilo de vida capitalista.

A análise do ordenamento jurídico pátrio em paralelo ao cotidiano das atividades sociais inerentes ao sistema capitalista demonstram, no mínimo, uma perspectiva dicotômica no que diz respeito aos parâmetros indicadores da prática de políticas públicas direcionadas para a promoção da educação ambiental e conservação do meio ambiente.

O aparato legal que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, a Lei de Licenciamento Ambiental, e até mesmo a resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente – Conama –, que estabelece a obrigatoriedade do estudo e do relatório de impacto ambiental demonstram a existência de uma preocupação no que diz respeito à validade de normas legais que sejam capazes de estabelecer um poder transformador apto a equilibrar as consequências do modelo capitalista com a perspectiva ambiental da sustentabilidade.

CAMINHO METODOLÓGICO

Para empreender a análise sobre os conceitos de sustentabilidade e educação ambiental, realizou-se estudo observacional por meio da linguagem fílmica, objetivando o aprofundamento no mundo dos significados das ações e relações humanas (MERRIAM, 1998), numa abordagem qualitativa, com vistas a apreender significados do filme “Os Sem Floresta”. Para tanto, considera-se que os textos fictícios transmitidos pelos filmes podem apresentar representações sobre a realidade diante de elementos subjetivos atribuídos à experiência cotidiana (PAIVA-JUNIOR; ALMEIDA; GUERRA, 2008).

Análise fílmica como metodologia de pesquisa parte da concepção de que não há uma interpretação única possível e que a interpretação serve para validar as afirmações relacionadas a verdades produzidas pelo filme sobre a realidade e “(...) essas interpretações de múltiplos intérpretes podem ser analisadas e comparadas no tocante às diferentes construções de suas realidades” (FLICK, 2004, p. 167). A principal contribuição, comparada à observação tradicional, diz respeito à vantagem de acesso irrestrito e discussões menos racionais e lógicas, abrangendo diversidade de sentidos e novas possibilidades de leituras sobre fenômenos sociais que compreendam teorias com vida (WOOD JR., 2007; FLICK, 2004). Para tanto, utiliza-se o filme como arte estética que constitui, simultaneamente,

(...) uma forma de conhecimento sensorial, em contraposição ao conhecimento intelectual; uma forma expressiva de ação, desinteressada e sem uma finalidade instrumental específica; e uma forma de comunicação diferente da comunicação oral e caracterizada pela possibilidade de partilhar sentimentos e conhecimento tácito (WOOD JR., 2001, p. 150).

Na visão de Ribeiro (2012, p. 9), a análise fílmica consiste em uma experiência catártica, de forma que, “na fruição da obra de arte o espectador possa suspender sua vivência cotidiana alienada (...) confrontando-se com os eternos problemas da espécie humana que o artista conformou num contexto particular, rico e estreito.”

Alves (2010) propõe que a análise fílmica deve ocorrer na perspectiva de uma “Tela Crítica”, na qual o filme é capaz de propiciar um momento reflexivo sobre a conjuntura social que é projetada na obra de arte,

desencadeando análises sobre o seu sentido que sejam capazes de dar ensejo a uma consciência crítica da sociedade global.

A utilização dos dados visuais vem atravessando um período crescente de redescobrimto na pesquisa qualitativa, posto que há “um desejo por parte do pesquisador de ultrapassar os limites das palavras orais e do relato sobre as ações, (...) e pelo fato de que algumas observações funcionam sem a necessidade de o pesquisador realizar qualquer intervenção no campo em estudo” (FLICK, 2004, p. 171). Ao mesmo tempo, tem sido amplamente considerado no âmbito do campo da administração, à medida que problematiza práticas de gestão e fenômenos sociais correlatos às organizações por meio de um sistema de significados disponíveis e acessíveis por esquemas e análises profícuas e geradoras de conhecimento (PAIVA-JUNIOR; ALMEIDA; GUERRA, 2008).

Sustentabilidade ambiental, a concepção definida para a análise fílmica, emerge da trama “Os Sem Floresta” diante da problemática ambiental e das condições propiciadas pela lógica do desenvolvimento com base capitalista. A discussão elaborada, portanto, compreende o momento de cruzamento entre o conceito categorizado para a investigação e a construção simbólica animada veiculada pelo filme e que protagoniza uma lógica diferente “com base na subsistência/afeto/participação/liberdade, em vez de ser/ter/fazer” (MISOCZKY, 2010, p. 177).

ANÁLISE DO FILME

O filme “Os Sem Floresta” discorre sobre questões relacionadas à problemática ambiental, à medida que apresenta situações que retratam a relação homem-natureza, na perspectiva dos animais, estes sendo incorporados à trama como extensão da natureza, violentada nessa relação quando a intervenção humana destrói parte do espaço florestal que abrigava os animais e insere, nesse espaço, um condomínio residencial.

No desenho o cotidiano dos animais é retratado com base nos moldes familiares dos seres humanos, os quais retratam uma busca coletiva e cooperativa pela sobrevivência, pautados numa relação cordial, fraterna, sincera e amiga entre os personagens.

As relações já consolidadas no agrupamento de animais liderados pela tartaruga Verne sofrem perturbações com a inserção de um novo membro a essa “família”, o guaxinim RJ, cuja presença despertará no grupo novos conceitos relacionados à convivência e sobrevivência. No Quadro 1 é possível analisar as características e posturas de cada um dos animais que compõem a trama.

Nome do Personagens	Informação sobre o personagem
RJ	É um extrovertido guaxinim que idealizou suprir sua fome indo à caverna de um urso roubar suas guloseimas. O urso, chamado Vincent, descobre isso antes do RJ sair da caverna. Sem querer RJ acaba empurrando o carrinho vermelho que continha a comida. O carrinho cai na estrada e é destruído, então RJ promete para Vincent recuperar todas as suas guloseimas em 1 semana. Para isso, precisará entrar na cidade e roubar de criaturas ainda mais perigosas: os humanos. Já foi muitas vezes comparado com Buck, a doninha de A Era do Gelo 3. Ambos são independentes, extrovertidos, espertos e inteligentes. Gostam de resolver tudo sozinhos, são nômades e têm todos os truques na manga. Realmente são bem parecidos. Em certo ponto, até no físico.
Verne	Verne é uma tartaruga macho muito certinho, inteligente, sensato, cauteloso, e até certo ponto, medroso. Inicialmente tenta impedir os animais de atravessarem a cerca-viva e irem para a cidade, mas RJ convence os outros do contrário. Sempre o confundem com um anfíbio, mas é um réptil.
Hammy	Hammy é um esquilo muito atrapalhado, extrovertido, agitado e muito, muito rápido. Ele adora as guloseimas, especialmente cookies, e faz de tudo por elas. Não pode tomar guaraná e outros energéticos, porque eles potencializam a velocidade de Hammy, o tornando tão veloz que o tempo passa mais devagar.
Stela	Stela é uma cangambá com uma personalidade forte. Apesar de ser uma gambá, não se deprime com o fato, e sempre conta com seus amigos, mas não consegue arranjar parceiros por causa de seu mau cheiro, porém ela acaba se apaixonando pelo gato Tiger. Ela fica feliz ao saber que ele não possui olfato, uma vez que assim ele não se afastará dela por causa de seu cheiro.
Ozzie	Ozzie é um sariguê dramático que quando sente qualquer ameaça finge-se de morto. Tenta ensinar isso para sua única filha Heather, que tem vergonha dele.
Heather	Heather é uma sariguê que tem muita vergonha do pai, Ozzie, pois qualquer coisa que possa o ameaçar, se finge de morto, e todos riem, mas depois acaba vendo que se fingir de morto é algo vantajoso e passa a ter orgulho de seu pai. Dublado por Avril Lavigne.
Lou	Lou é um porco-espinho. Pai de seus três filhotes, ele ama muito sua família. Acabou ficando com o turno do dia com as crianças e é um bom exemplo de pai.
Penny	Penny é uma porco-espinho. Mãe de seus três filhotes, ela ama muito sua família e é um bom exemplo de mãe.
Tiger	Tiger é o gato persa de Gladys. No começo tem uma atitude preconceituosa com os animais da floresta, mas acaba mudando ao ser usado por eles em um plano para recuperar a comida, e no final se apaixona pela gambá Stela.
Gladys	Gladys é uma das vilãs do filme. Ela odeia os bichos da floresta e acaba chamando o exterminador para matá-los, mas todas suas tentativas são infrutíferas. Ela é presidente da associação de moradores do condomínio.
Dwayne	Dwayne é o exterminador contratado por Gladys. Usa alta tecnologia para tentar capturar os pobres animais, mas no fim, o feitiço acaba virando contra o feticheiro.
Vincent	Vincent é um urso que, na tentativa de se adaptar às novas condições impostas ao seu habitat, estoca em sua caverna alimentos industrializados, os quais são furtados por RJ. Após este acontecimento Vincent passa a ameaçar RJ caso ele não lhe consiga um novo estoque de alimentos.

Quadro 1 – Informações sobre os personagens

Fonte: Adaptado do Filme “Os Sem Floresta” (2006).

Sobre o processo de desterritorialização de animais silvestres que vem ocorrendo em âmbito global, Delicio, Ferreira Neto e Fonseca (2006, p. 53) afirmam que “como consequência de uma expansão urbana e agrícola descontrolada (...) muitos ambientes naturais, refúgio da vida silvestre, vêm sendo destruídos e muitos dos animais (...) estão perdendo seu habitat.”

Além da degradação, os personagens vivenciam situações relacionadas ao consumo, desperdício, produção de lixo, que resultam em algumas possibilidades de análise, com vistas a levantar concepções representadas no âmbito da corrente crítica sobre a sustentabilidade na seara capitalista, por meio do contexto social atual da expansão do mercado imobiliário.

Esta perspectiva retrata o comportamento que se perpetua no mercado de imóveis a despeito da ascensão da crise ambiental (TEIXEIRA, 2010). Observa-se, então, que a expansão econômica decorrente do desenvolvimento do setor imobiliário não amplia discussões, preocupações, ou, até mesmo, uma consciência ambiental reproduzida na sociedade; normalmente as atenções sempre costumavam ser voltadas para o bem-estar do usuário (TEIXEIRA, 2010).

A trama desenvolve-se à medida que os animais, diante da nova realidade que os cerca, buscam formas alternativas de sobrevivência, a primeira delas a aventura de buscar alimentos no empreendimento, haja vista que a redução da área verde culminou na diminuição da disponibilidade de alimentos para os animais. Com isso, observa-se que o homem interferiu no espaço de vida dos animais e, também, provocou novos modos de vida a esses seres.

No que diz respeito à lógica do consumo, o choque entre natureza e crescimento é mostrado de forma tímida no início do filme, quando o guaxinim RJ tenta adquirir desesperadamente um pacote de salgadinhos industrializados que se encontra em uma máquina em um posto de gasolina, cena que tem continuidade com o mesmo personagem adentrando a caverna do urso Vincent, o qual possui em seu arsenal uma gama de alimentos industrializados, o que indica a postura extrema da fauna selvagem em tentar sobreviver em um território “desenvolvido”.

Diante da escassez dos alimentos naturais que tradicionalmente compuseram a alimentação destes animais, RJ os incita a buscar os alimentos que se encontram disponíveis nas residências do condomínio.

Na tentativa de acertar as contas com o urso Vincent, RJ perturba as relações de respeito mútuo e tolerância consolidadas no grupo de animais, colocando-os em situação de risco sob a justificativa de que suas ações eram feitas em prol da sobrevivência, e que os humanos não se importariam pois, nas palavras do personagem, “enquanto os animais selvagens comem para viver os humanos vivem para comer”.

Utilizando as sequências em que uma das personagens humanas, Gladys, busca o extermínio dos animais silvestres que invadem o condomínio, o guaxinim RJ explica aos seus colegas animais o quanto pode ser proveitoso roubar comida de humanos, uma vez que eles são uma raça que sempre quer ter mais. Como exceção, as pessoas que se preocupam com o ambiente natural estão mais focadas em atitudes ambientais que preservem a natureza, incluindo a Terra, a biodiversidade e os ecossistemas (PATZELT; SHEPHERD, 2011).

A readaptação da fauna regional registrada no filme continua quando a tartaruga Verne e sua turma acordam da hibernação e, quando partem em busca de alimento deparam-se com uma “cerca viva” que outrora não existia, e que agora delimita o espaço correspondente a um condomínio residencial de luxo. Assim, percebe-se a transformação do espaço natural em espaço urbano, cujas contradições revelam variados conflitos decorrentes do crescimento desordenado da sociedade moderna.

Sob o prisma científico atual, os biólogos vêm trazendo para discussão os termos “nova ecologia” e “sinantropia” quando a tônica envolve o convívio forçado entre animais silvestres e seres humanos, ocasionado em virtude do aumento exponencial dos centros urbanos (BONALUME NETO, 2016). Ambos os termos envolvem em sua significação o processo de readaptação de animais silvestres, que, desalojados do seu habitat natural, buscam se inserir na “selva de pedra” característica das porções territoriais urbanas (BONALUME NETO, 2016).

De forma fidedigna aos relatos atuais, a tessitura do filme envolve os animais na extrema condição de vulnerabilidade, o que permite reflexões sobre decisões empresariais que geram impactos ambientais e humanos sem maior comprometimento com suas consequências. A lógica sequencial abordada em torno do consumo ilustra a condição de violência que gera violência, quando a vida em um habitat seguro e fonte de uma vida equilibrada é tomada como fonte de riqueza capitalista e, por conseguinte, os animais na ânsia pela mais remota sobrevivência, invadem o espaço residencial ocasionando inúmeras situações desagradáveis e perigosas para a saúde daqueles que o habitam, como a busca de alimentos nas latas de lixo. Nesse ponto abstrai-se que “os conflitos são, portanto, tanto um indicador quanto uma consequência dos danos ambientais e das injustiças sociais decorrentes de projetos econômicos” (MISOCZKY, 2010, p. 158).

As desventuras constantes enfrentadas pelo contato forçado entre humanos e animais apresentam uma crítica ressaltada na forma encontrada para “resolver o problema” das invasões ao condomínio residencial que vai de encontro aos ditames da Política Nacional de Educação Ambiental no que diz respeito ao conjunto de “processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente” (BRASIL, 1999).

Diante do conflito inicial (em torno da comida), emergem outras situações problemáticas quando sentimentos de raiva, inveja, gula, egoísmo, tristeza, nostalgia, circulam entre os animais, o que leva a concluir que a violência ocasionada pela mudança de vida imposta fez florescer sentimentos antagônicos e propiciadores de mais conflitos, inclusive entre eles, pois a dubiedade provocada pela escassez (no restante de floresta) e fartura (nas geladeiras e latas de lixo) indica a perda de unidade, caracterizada pela condição de vida equilibrada, harmônica e cercada de um ambiente seguro e feliz.

Uma das primeiras consequências negativas da instalação de um projeto residencial que indica ter gerado grandes agressões à fauna regional, ocorre quando os animais, na tentativa de armazenar alimento, reviram todas as latas de lixo do condomínio, o que desperta em Gladys, a presidente da associação dos moradores

do condomínio, uma postura ambiental ainda mais agressiva: exterminar os animais que estão causando o problema.

O comportamento de repulsa aos animais selvagens que antes detinham o domínio sobre a região do condomínio é repetido pelas crianças que moram nas residências quando demonstram nojo ao se depararem com um dos animais selvagens da turma de Verne. Uma ecosofia só é possível se a ética aplicada cobrir as ecologias mencionadas. O problema está na etimologia do termo, pois a origem filológica da palavra ecologia é grega: “oi/koj”, casa, e “logi/a”, estudo. Daí literalmente: “O estudo da casa”, ou: como manter a casa em ordem (ACOT, 1990, p. 27). “No entanto, é preciso entender que o desenvolvimento sustentável baseia-se numa perspectiva ecológica e ecologia não é apenas meio ambiente. A ecologia leva em consideração o ser humano, suas atividades e o meio ambiente (...)” (DAROIT; NASCIMENTO, 2004, p. 6).

Em sua maioria, as cenas indicam o conflito entre moradores e animais em busca de soluções diversas. O primeiro grupo invoca o contexto pernicioso para os moradores do condomínio em virtude da presença constante dos animais e, com isso, buscam exterminá-los. Estes, por sua vez, anseiam encontrar uma forma de lidar com a nova situação imposta, diante da falta de alimentos e mudanças no contexto de vida.

Por outro lado, o mercado imobiliário insere o discurso ambiental capitalista, quando divulga suas vendas ressaltando a parte verde preservada, pequena, mas intacta e, com isso, ganha-se mercado pela legitimidade social, pela responsabilidade socioambiental pregada e, também, lucro, finalidade última do desenvolvimento capitalista (BANERJEE, 2008, 2014).

Neste caso deve existir uma mudança ética; a prudência leva à consciência que acopla a mudança consciencial proposta por Guattari. A solução proposta é por via da subjetividade. “... só uma articulação ético-política – a que chamo ecosofia – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões” (GUATTARI, 1990, p. 8).

Da mesma forma, as grandes corporações, que sustentam a lógica capitalista, baseada em eficiência e legitimidade, levantam discussões em torno da sustentabilidade que camuflam a relação com mercados e preços e o real interesse no lucro, utilizando, assim, a denegação de interesse em prol de discursos “verdes” (BANERJEE, 2008; REDCLIFT, 2006). Ser sustentável, então, não se alinha, apenas, à perspectiva de garantia de ações menos agressivas ao ambiente, mas em ações que, apesar de menos destrutíveis (garantia, também, de legitimidade), mantêm o capital. Alternativas verdadeiramente sustentáveis e, também, com grande potencial de lucratividade parece a vertente dos sonhos.

O aspecto temporal, ilustrado pelas fases da lua, organiza a vida dos animais, em harmonia com sua condição natural de se alimentarem para que possam ter energia suficiente para longos períodos de hibernação. Sendo o alimento sempre disponível, coleta-se o necessário à sobrevivência. Com o advento do empreendimento e a fartura de alimentos (nas casas, nas lixeiras), há um impacto no hábito de alimentar-se para sobreviver, e instituiu-se um “salve-se quem puder”, diante da busca desenfreada por alimentos para garantir sobrevivência e, também, em adesão aos hábitos alimentares humanos, transpondo a condição de necessidade natural para uma necessidade alimentar criada por mecanismos mercadológicos.

Assim, os padrões de sustentabilidade que se perpetuam na atualidade nada mais representam que as consequências geradas a partir das tentativas humanas de sobreviver no seu habitat; o desenvolvimento humano ocorreu no momento em que o homem foi capaz de vencer os obstáculos impostos pela natureza, no entanto o advento do século 20 aliou esta vitória à mola capitalista que aumentou exponencialmente as relações de produção e consumo (SANTOS, 2002).

Algumas cenas específicas proporcionam análises mais pontuais, como a ausência de separação do lixo, representada pela tentativa do personagem Verne de comer uma fralda descartável e também pelas consequências negativas do alimento industrializado sobre a saúde dos animais. A responsabilidade socioambiental é um dever principalmente da humanidade, pois cada pessoa, empresa, instituição e nação deve ser conscientizada na preservação dos recursos naturais (BRASIL, 2014).

Outra cena possibilita reflexão sobre o modo de vida humano na sociedade capitalista, quando RJ é perguntado sobre a quantidade de pessoas que um carro pode acomodar, e informa que geralmente apenas uma pessoa se desloca no carro, argumentando que acredita que os homens estão perdendo a capacidade de andar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo observacional com suporte na linguagem fílmica sobre o filme “Os Sem Floresta” propiciou apreciação do conceito de sustentabilidade, especificamente diante do seu contraponto, a perspectiva do desenvolvimento econômico com suporte do capitalismo. Nessa seara, têm-se a mudança de comportamentos e o advento de conflitos com base em padrões de consumo que instauram estilos de vida marcados pelo desperdício e negação da vida harmônica, quando a busca pela sobrevivência veicula a reificação do homem, alicerçada pelo lugar egocêntrico de suas iniciativas.

Embora a sociedade já tenha despertado para a necessidade de consolidar ensinamentos que sejam capazes de proporcionar uma interação entre o homem, a sociedade, a economia e o meio ambiente, ainda se faz importante lembrar um dos ensinamentos de Elkington (2012) que diz respeito à redefinição do significado de igualdade social, justiça ambiental e ética empresarial diante da nova perspectiva global.

As questões ambientais suscitadas na atualidade são consequências do novo estilo de vida social pautado em pressupostos particularistas e consumistas. O homem é o ator fundamental na estruturação de mudanças, e a ação educacional é a ferramenta capaz de constituir novos homens que busquem relações harmônicas entre sociedade e natureza (SANTOS, 2002).

Diante desse cenário, ilustrado pelo filme, entende-se que a Educação Ambiental é um instrumento de mediação que permite transpor a lógica do desenvolvimento do capital, unicamente degradador, para o caminho da consciência ambiental, arraigada pelo princípio do bem comum, estruturante para uma sociedade marcada pela sustentabilidade ambiental.

Ao mesmo tempo, o caminho da ciência que pode contribuir com um novo cenário, capaz de equacionar desenvolvimento e sustentabilidade, reflete que não está em jogo apenas fazer ciência, mas constituir cidadania capaz de se fundar em ciência e imprimir ética à ciência (DEMO, 2003). A educação verdadeiramente ambiental entraria nesse horizonte como disciplina provocadora, questionadora e paradigmática, no sentido de incitar formas de romper com o impacto ambiental progressivo por meio de mecanismos subjetivos de conscientização, e, não apenas, pela interdição baseadas em normas punitivas, em geral na lógica do “bolso”.

Extrapolando a leitura fílmica, no sentido de expressar argumentos suscitados pelo seu teor, abrem-se alguns questionamentos: As práticas ambientais convergem com o real significado atribuído pelas suas formas de atuação? Ideologicamente caminha-se para uma ética congruente com essas práticas? É possível elaborar ações, programas e projetos que vislumbrem de forma direta (e primeira) o bem-estar social? Como se constrói uma agenda política na academia que indique um processo de quebra de paradigmas em relação à dualidade disfarçada entre desenvolvimento na lógica capitalista e desenvolvimento na lógica sustentável?

Não se vislumbra resposta “certa” ou “possível”, mas, tão somente, uma abertura ao diálogo, mesmo que force uma posição esquizofrênica diante da realidade, considerando a necessária cisão da personalidade adaptada ao contexto (que permite harmonia) para um contexto dissociado da lógica capitalista.

Assim, o conhecimento sobre sustentabilidade recebe um olhar sobre suas múltiplas facetas. Esse olhar crítico e analítico torna-se possível na academia, quando são apreciados, não apenas, os resultados da gestão do desenvolvimento sustentável, para conduzir a quebra de lógicas (desenvolvimento/sustentável), como também a forma de conceber o sustentável pela harmonia entre as necessidades do homem no presente e no futuro. O conhecimento compartilhado (academia/corporações), por meio do diálogo, pode representar um diferencial (BRANDON, 1999).

De uma reflexão comum, “questionar a sustentabilidade no escopo do capitalismo”, e diante de um instrumento ainda mais comum e subjetivo, amparado numa abordagem subjetiva de leitura fílmica, constata-se uma reflexão também corriqueira, a de que o conhecimento e a aprendizagem são dimensões das mais fundamentais do ser humano, porque é com ela que se muda a realidade e o próprio ser humano, ator social (DEMO, 2003). E, mesmo diante do comum, a prática e a teoria parecem estar entrincheiradas, considerando que não há consenso sobre a sustentabilidade e de como ela pode caminhar no mesmo sentido do desenvolvimento (MARCONATTO et al., 2013), visto que, “ainda há considerável confusão em torno do que é ser sustentado, que os diferentes discursos do desenvolvimento sustentável, por vezes, não conseguem abordar” (REDCLIFT, 2006, p. 68).

Sob a lógica da harmonia indivíduo-ambiente, o desenvolvimento sustentável apresenta-se como um processo de mudança em que a exploração de recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional podem estar em harmonia quando reforçam o potencial atual e futuro para atender às necessidades humanas e aspirações (BRANDON, 1999). Assim, dois aspectos ressaltam o necessário envolvimento do indivíduo e dos valores que subjazem à ação sustentável: a Filosofia que sustenta as relações entre os diferentes fatores deve ser compartilhada em um consenso público e um sistema abrangente de tal forma que as inter-relações complexas possam favorecer a comunicação, o entendimento e o crescimento do conhecimento (BRANDON, 1999).

Para o futuro sugere-se que o tema seja discutido de um lugar não comum, uma tarefa não alcançada por esse artigo. Acredita-se que a Educação Ambiental possa processar o desenvolvimento pelo sustentável e não o inverso. Um caminho alternativo pode ser a construção valorativa que subjaz às ações subjetivas. Para tanto, o ser humano é centro e articulador do fazer sustentabilidade, que, cotidianamente, fomenta mudanças e institui formas alternativas de “com-viver” com o ambiente.

REFERÊNCIAS

- ACOT, P. *História da ecologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- ALVES, G. *Tela crítica – a metodologia*. Londrina: Práxis, 2010.
- ARAGÃO, K. J. L. A educação ambiental como mercadoria no processo de licenciamento ambiental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AVALIAÇÃO DE IMPACTO, 1., 2012, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 2012.
- BANERJEE, S. B. A critical perspective on corporate social responsibility: towards a global governance framework. *CPOIB*, v. 10, p. 84-95, 2014.
- _____. Corporate Social Responsibility: The Good, the Bad and the Ugly. *Critical Sociology*, v. 34, n. 1, p. 51-79, 2008.
- _____. Who Sustains Whose Development? Sustainable development and the reinvention of nature. *Organization Studies*, n. 24 (1), p. 143-180, 2003.
- BARBIERI, J. C. et al. Inovação e sustentabilidade: novos modelos e proposições. *Revista de Administração de Empresas – RAE*, São Paulo, v. 50, n. 2, abr./jun. 2010.
- BASTOS, W. G.; FILHO, L. A. C. de R.; JUNIOR, A. de A. P. Produção de vídeo educativo por licenciandos: um estudo sobre recepção fílmica e modos de leitura. *Ens. Pesq. Educ. Ciênc.*, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 39-58, abr. 2015.
- BONALUME NETO, R. Com urbanização, bichos silvestres invadem e se adaptam às cidades. In: *Folha de São Paulo*, 2016. Disponível em: <http://m.folha.uol.com.br/ambiente/2016/02/1741366-com-urbanizacao-bichos-silvestres-invadem-e-se-adaptam-as-cidades.shtml?mobile>>. Acesso em: 16 ago. 2016.
- BRANDON, P. S. Sustainability in management and organization: the key issues? *Building Research e Information*, v. 27, n. 6, p. 390-396, 1999.

- BRASIL. *Lei nº 9.795*. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências, 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm>. Acesso em: jan. 2016.
- BRASIL, M. V. O. de. Empreendedorismo sustentável em projetos sociais de uma fundação educacional. 2014. 313 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade de Fortaleza (Unifor), Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA), Fortaleza, 2014.
- CASADO, F. L.; SILUK, J. C. M.; ZAMPIERI, N. L. V. *Universidade empreendedora e desenvolvimento regional sustentável: uma proposta de um modelo*. Rev. Adm. UFSM, Santa Maria, v. 5, ed. esp., p. 633-650, dez. 2012.
- DAROIT, D.; NASCIMENTO, L. F. Dimensões da inovação sob o paradigma do desenvolvimento sustentável. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 28., 2004, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Anpad, 2004. 1 CD-ROM.
- D'ARROCHELLA, L. S. C. et al. A contribuição de filmes infantis para a reflexão na educação ambiental: interpretação ecológica e cultural do filme “Os Sem Floresta” e sua aplicabilidade no ensino. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 12., 2009, Montevideu. *Anais...* Montevideu, 2009.
- DELICIO, H. C.; FERREIRA NETO, H. N.; FONSECA, R. Educação ambiental como estratégia para conservação da vida silvestre na região de Botucatu-SP. *Revista Ciência e Extensão*, v. 2, p. 53-54, 2006.
- DEMO, P. *Vícios metodológicos*. Brasília: UnB, 2003.
- ELKINGTON, J. *Sustentabilidade, canibais com garfo e faca*. São Paulo: M. Books do Brasil, 2012.
- FAÉ, R. *Os discursos sobre desenvolvimento como recursos político-estratégicos*. 2009. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FREITAS, A. D. G. de; LEITE, N. R. P. Linguagem filmica: uma metáfora de comunicação para a análise dos discursos nas organizações. *Rev. Adm.*, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 89-104, mar. 2015.
- GUATTARI, F. *As três ecologias*. 14. ed. Campinas: Papirus, 1990.
- IPIRANGA, A. S. R. A narração filmica como instrumento da ação formativa: um enfoque semio#tico. *Organizações & Sociedade*, v. 12, n. 32, p. 143-164, 2005.
- LEITE, N. P. et al. Projetos educacionais e estudos observacionais em análise filmica: qual o atual status de produção no Brasil? *Revista de Gestão e Projetos*, v. 3, n. 3, p. 215-250, 2012.
- LEITE, N. P.; LEITE, F. P. A linguagem filmica na formação e no fortalecimento de grupos, equipes e times de trabalho: aplicações do estudo observacional. *Revista de Gestão*, v. 17, n. 1, art. 6, p. 75-97, 2010.
- MARCONATTO, D. A. B. et al. Saindo da trincheira do desenvolvimento sustentável: uma nova perspectiva para a análise e a decisão em sustentabilidade. *Revista de Administração Mackenzie – RAM*, São Paulo, v. 14, n. 1, fev. 2013.
- MEBRATU, D. Sustainability and sustainable development: historical and conceptual review. *Environ Impact Asses Rev.*, n. 18, p. 493-520, 1998.
- MERRIAM, S. B. *Qualitative Research and Case Study Applications in Education*. San Francisco, Jossey-Bass Inc. Publishers, 1998.
- MISOCZKY, M. C. A. Desenvolvimento: conflitos socioambientais e perspectivas em disputa. In: MISOCZKY, M. C. A.; FLORES, R. K.; MORAES, J. *Organização e práxis libertadora*. Porto Alegre: DaCasa, 2010.
- _____. Word visions in dispute in contemporary Latin America: development x harmonic life. *Organization*, v. 18, n. 13, p. 345-363, 2011.
- MORIN, E. *Ciência com consciência*. Portugal: Publicações Europa América, 1990.
- PAIVA-JUNIOR, F. G. de; ALMEIDA, S. de L.; GUERRA, J. R. F. O empreendedor humanizado como uma alternativa ao empresário bem-sucedido: um novo conceito em empreendedorismo, inspirado no filme Beleza Americana. *Rev. Adm. Mackenzie – RAM* (on-line), São Paulo, v. 9, n. 8, p. 112-134, dez. 2008.
- PATZELT, H.; SHEPHERD, D. A. Recognizing opportunities for sustainable development. *Entrepreneurship, Theory and Practice*, v. 35, n. 4, p. 631-652, jul. 2011.

- REDCLIFT, M. R. Sustainable development (1987-2005): an oxymoron comes of age. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre: Selected Edition, v. 3, 2006.
- RIBEIRO, B. C. A perversidade da gestão e barbárie social: o cinema como recurso de análise crítico-sociológico. In: *Seminário de Saúde do Trabalhador*, 8., França, 2012.
- ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.
- SACHS, I. *Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- SANTOS, E. S. Educação e Sustentabilidade. *Revista da Faeeba – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 11, n. 18, p. 259-279, jul./dez. 2002.
- TEIXEIRA, M. M. *Análise da sustentabilidade no mercado imobiliário brasileiro*. 2010. Dissertação (Mestrado) – USP: São Paulo, 2010.
- VANOYE, F; GOLIOT-LÉTÉ, A. *Ensaio sobre a análise fílmica*. 5. ed. Papirus: Campinas, 2008.
- VIZEU, F.; MENEGHETTI, F. K.; SEIFERT, R. E. Por uma crítica ao conceito de desenvolvimento sustentável. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 10, n. 3, p. 569-583, 2012.
- WORLD COMMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT (WCED). *Our Common Future*. Oxford: Oxford University, 1987. 400p.
- WOOD JR., T. Nota Técnica: a perspectiva estética contra o império da razão. In: CALDAS, Miguel Pinto et al. (Org.). *Handbook de Estudos Organizacionais*. 1. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2001, p. 150-156. V. 2.
- _____. Nova técnica: frutas maduras em um supermercado de idéias mofadas. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Org.). *Handbook de estudos organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais*. Sa#o Paulo: Atlas, 2007. V. 1.